

049

INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS: FONTES PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL DA ESCRAVIDÃO NO RIO GRANDE DO SUL. *Marisa Antunes Laureano, Helen Osório* (Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS)

Atualmente a historiografia brasileira tem se debruçado sobre novas fontes para estudar a escravidão, o que abriu uma nova perspectiva em que o escravo é percebido como um agente no processo de formação da sociedade em que estava inserido, e não mais como um ser completamente oprimido, incapaz de ação. As fontes cartoriais, entre elas inventário e testamentos são fundamentais nestas abordagens. Podem ser citados como precursores da discussão sobre a vida social dos escravos: Schawrtz, afirmando a existência da família escrava na Bahia (1988), Cardoso, que introduz a questão da brecha camponesa (1978) e Florentino e Góes, que baseados em inventários estudam a formação da família escrava no Rio de Janeiro (1995). No que se refere ao Rio Grande do Sul, estas fontes estão recém começando a ser pesquisadas. Os inventários nos fornecem dados sobre os escravos do proprietário, tais como: idade, sexo, profissão, parentesco, “nação”, enfermidades. Pode-se assim estudar a composição etária, sexual dos plantéis, assim como as relações de parentesco (famílias matrifocais ou nucleares). Quanto aos testamentos, eles trazem uma descrição qualitativa, uma vez que o testador manifesta suas intenções para com o escravo. Pode ser percebido em que condições (velho, especializado ou membro de uma família) o escravo recebia a alforria. Neste sentido, fontes já utilizadas no resto do Brasil, abrem uma nova perspectiva para a história social da escravidão no Rio Grande do Sul no período colonial. (CNPq-PIBIC/UFRGS).